

Marco Rocca

Mil madrugadas

Poesias



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Mil madrugadas

Poesias

Marco Rocca

Mil madrugadas
Poesias

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Marco Rocca

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Imagem de capa: Cruz, L.O. (Pepinho)
Diagramação: Michael Douglas
Ilustrações: Cleiton Fernandes
1ª edição – março de 2021

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rocca, Marco

Mil madrugadas : poesias / Marco Rocca. — São Paulo:
Recanto das Letras, 2021.

155 p.

ISBN: 978-65-86751-71-0

1. Poesia brasileira I. Título

21-0504

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

Dedico este livro à
Guiomar Rita Casado

Prefácio

Conheci o autor de *Mil madrugadas*, que tenho a honra de prefaciá-lo, em Macaé, quando fui seu professor de filosofia no curso de pedagogia. Marco Aurélio, depois de percorrer o Brasil como servidor público federal, veio aportar no litoral macaense, e aqui nos conhecemos e estabelecemos uma amizade que perdura até hoje.

Fui saber que ele era dado às letras somente após nos encontrarmos num bar. Ali começamos uma significativa amizade e interlocução poética proveitosa. Desde então, tertúlias em bares regadas a muita música e cervejas tornaram-se comuns e, dessa forma, tomei conhecimento dos seus escritos poéticos. E justamente por isso o poeta/amigo convidou-me para apresentar o seu primeiro livro — *Passageiro do tempo* — publicado ainda quando ele morava em terras macaenses. Foram anos de farta boemia e grande atividade poética!

No ano de 2006, meu amigo foi habitar outras plagas e aquele diálogo poético ficou adormecido. Bom, dizem que o mundo é pequeno. Através das mídias sociais, em 2016, reestabelecemos o contato e retornamos com as nossas conversas “filopoéticas”.

Drummond disse em algum lugar que a literatura é fundamental porque permite uma maior aproximação, uma comunhão

entre os humanos apesar da distância. Pois é, foi a literatura que resguardou nossa amizade, permitindo que eu esteja aqui agora escrevendo estas linhas.

Esses mais de vinte anos de amizade e camaradagem literária proporcionaram-me um bom conhecimento da poética do amigo, por isso eu posso afirmar que, apesar da manutenção do estilo ora cáustico, ora romântico, a poética de Marco Aurélio sofreu algumas alterações bem interessantes ao longo dessas duas décadas. No lugar do verso largo, do fôlego verbal, temos agora o verso sintético, a poética direta que capta o momento perpetuando-o numa imagem/síntese. Por exemplo, em *Na rua*, após ler um poema num jornal, alguém imerso em sua perspectiva de uma noite de prazeres capta em forma de flashes a agitação das ruas, as coisas e os afazeres em meio a “esta multidão de ausentes”. Verso que sintetiza a singularidade do eu lírico, apesar da movimentação frenética da cidade.

A mesma síntese vemos em *Deitado*. Uma morte captada de forma fria, realista, até mesmo fisiológica — a “trompa de Eustáquio” rompida — construindo uma cena em que um cadáver calcina sobre o pátio quente. É o drama cotidiano mostrado sem retoques. Outra mudança digna de observação é a forma como as palavras reverberam, ressoam ao longo do poema, produzindo uma harmonia sonora sem a utilização da rima. É o caso de *Retrato*, em que as palavras “retrato”, “braços”, “embriago”, “pedaços” e “fatos” combinam-se, produzindo um efeito sonoro harmonioso que confere unidade e dignidade ao poema.

Em *Mil madrugadas*, Marco Aurélio explora todas as suas virtudes poéticas, nos brindando com uma obra significativa que,

tratando de dois temas fundamentais, a vida e o amor, cria poemas de grande força e beleza. Esta trama de versos, em forma de flashes e sonoridades cativantes, lembra-me da comunhão e aproximação que a literatura tem no poder que cultiva entre os seres humanos.

Mil madrugadas é mais uma contribuição de Marco Aurélio à capacidade que a literatura tem de aproximar as pessoas.

Marcos Aurélio Monteiro da Fonseca.

Mestre em filosofia pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor de filosofia, história e sociologia.

Poeta com um livro de poesias, *Metapoética*, publicado em 2019. Ativista cultural e um dos fundadores da Confraria do Samba, Choro e Poesia em Macaé – RJ.

Sumário

Da vida

Cirandas	15
Unidade	16
Poema curto	17
Copo d'água	17
Web	18
Gênese	18
Mil madrugadas	19
O homem que amava o mar	20
Meia-noite	23
Poema amarelo	24
Anoitecendo	25
O policial	26
Deitado	27
Seca	27
Corpo nu	28
Ventania	28
Veredicto	29
O poema	29
Inusitado	30
Cinzel	30
Flores no campo	31

Frio	31
Pela madrugada	32
Apenas uma tarde	32
A hora	33
Esteio	36
Seu João	37
A bicicleta	39
Encontro com Deus	41
Encontro com o tempo	42
Fugaz	43
Ditirambos	44
Existência	45
O transeunte	46
Ontens	47
A morte	47
Impressões	48
O vendedor de sonhos	49
Sábado	51
Entre sapos e demônios	52
Retorno	53
Poucos poemas	54
Átimo	54
Átimo II	55
Escarro	55
Vinho	56
Sonos e sonhos	57
Na sombra do inferno	60

Eu...	61
Sobre areias	62
Assombros	64
Inimaginável	65
Hospital	66
O vaidoso	67
O lençol	68
Cores	68
Sete poetas	69
A mentira	69
Gerações	70
A cidade	72
Pássaros nos quintais	79
Il matador	81
O moribundo	83
O velho	84
O encontro	85
No telhado do Universo	86

Do amor

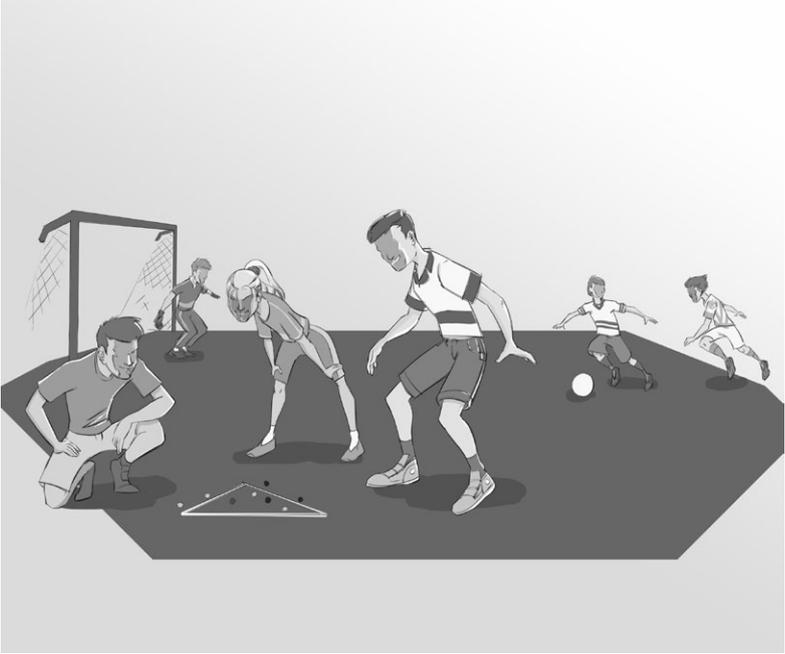
Sem lados	91
Deusa	92
A moça que passa	93
Céu azul	93
Desse amor	94
Acrílico	95

Chuva pelo rio	95
Carmim	96
Petrópolis	97
Blefe	98
Amar	98
Queria	99
Separação	99
Retrato	100
Fim dos dias... ..	100
Alinhados	101
Hoje	102
Imaginação	103
Moldura	104
Não esquecerei	104
Lembranças do mar... ..	105
Poema de amor	105
Seu mundo	106
Cambraia	107
Seu vestido	108
Poema da avenida	108
Passageiro do tempo	109
Volúpia	110
Grafite	111
Tabaco	112
Alguém no passado	112
Origens	113
Vigília	114

Infiel na madrugada	115
Pequenos versos de amor	117
Não franqueado	118
Instante	119
Depois do almoço	119
Manhã de chuva... ..	120
A desconhecida	121
Tantas palavras	122
Garoas	122
Partida	123
Bailarina	123
Amanhecer	124
Noite efêmera e momento	125
Girassóis como a noite	127
Foto	128
Além	128
Pele e aurora	129
Pelas calçadas	130
Na rua	131
Nirvana	131
Delírio	132
As violetas	133
Berenice	134
Alegria... ..	136
Cata-vento	136
Confesso	137
Mais que linda	137

Essa noite	138
Tic tac	139
Feitiço	139
Alquimia	140
Mulher	140
Contraponto	141
A música	141
Seus poemas	142
Cais	142
Luminescências	143
Encanto	144
Carrossel	144
Infinito	145
Butterfly	145
Sei amar...	146
Pudesse	147
A mulher e a lua	147
Espera	148
Despedida	149
De repente	150
Paixão à meia-noite	151
Sem nome	152
Comentário sobre o poema A cidade	153
Sobre o autor	154

Da vida



Cirandas

(aos amigos do Castelo Branco, 1979)

Perco-me na noite,
em sonhos e lembranças,
onde bastante procurei
por versos e palavras
que a mente ainda alcança.

Crianças brincando ao largo,
arrastando os pés
na poeira que alevanta...

Que o passado não retorna:
Isto, bem sei!
Mas as memórias
por ele fincadas
jamais noutra lugar
encontrarei.

Unidade

As cores de um poema são leves,
cintilam por ruas e avenidas
desagoniam o tempo.
A vida refrata entre atropelos,
desafios, arremessos...
Circunda a presa como gaiivotas,
senão andorinhas
migrando em formação.
Não cobrem de ouro o momento.
Dele, necessitam aproximação!

Poema curto

A vida impõe uma
velocidade absurda
que não quero viver.
A poesia franqueia-me
a inércia resoluta,
onde me deixo morrer...

Copo d'água

Havia horas, o sol despontava o infinito.
Inglórias, meu fuzil, solidão.
No parque desses instantes,
somente eu, soldado, desafiando vida e morte.
Mirando ao longe abutres percorrendo corpos.
Eis que essa é a paga do dia!
Como se nada fosse, ou se a vida fosse tudo.
Neste deserto de emoções, penso:
— Somente um copo d'água...

Web

O poema salta pela noite
como o gato pelo muro.
Os versos, meu escudo.
Seus lábios, tal desejo.
E esse meu lado impuro!

A madrugada esparrama
todos os orgasmos.
Por abajures acesos
e sombras que dançam.
Chuveiros a escoarem
prazeres que não escuto.

Gênese

Por abajures acesos
sigma flor põe-se rodeada.
Não estranhe a descoberta
são naves, suas naves cintilantes
pousadas em libertas paisagens.
Varandas arejadas transpiram o dia,
pela tarde alaranjada, solstícios de verão.
Elas não vêm como vão, são viagens...
Apenas rugem e depois partem.
Entre galhos, por testemunha
um pássaro debulha noturna canção.

Mil madrugadas

(ao amigo Marcos A. M. Fonseca)

Jogaram meus olhos naquele rio,
já os braços ficaram pela estrada.
Remotamente ainda ouço assovios,
como a algazarra de elfos e fadas.

Não negocio tais inverdades.
Por certo, serão aniquiladas.
Num sobrevoo pelo cosmos,
Vejo a Terra azul acinzentada.

São os cigarros na vida que fumei.
Tantas chaminés e fábricas amontoadas.
Sou somente um ser e jamais migrei,
entre impuros que seguem sua jornada.

A minha assombração, ora, é a noite...
Nessa redondilha de cartas empoeiradas.
Dá-me lascívia, embriaguez e a foice!
Na efervescente e diabólica madrugada.

O homem que amava o mar

Quando menino,
as vagas não o assustavam,
nem temor algum afastava
do oceano o pequenino.
Os anos passavam, passavam dias de sol
de chuva, de frio, de ira.
E o menino ali permanecia.
Deleitava-se ao ver as ondas em curva,
a imensidão, imponência, beleza e brio
do gigantesco ser que deslumbrava.

Ventos sudoeste,
ondas monumentais,
tudo trazia a todos, medo.
Mas ao menino, amores descomunais.

O mar permanecia intacto.
O menino com os anos crescia.
De um tempo a outro,
já era homem.
O homem que amava o mar.

Do amor, cresceu a coragem,
e das profundezas
transformou o mar
num Universo encantado.
Embrenhava-se por dias

a nadar nas distâncias, apaixonado
pelo enigmático amigo.
E o amigo o levava
aonde olhos nenhuns alcançavam,
e o trazia nem um pouco cansado.

E cada vez mais longe,
sob céus diferentes,
sob o véu negro da noite
nebulosa em frente.
Ou quando reluzente,
Estrelada, renitente.

Os dois sob o crivo da lealdade
íntimos se tornaram,
pois os dois se admiravam.
Quando o homem naufragava,
os braços do amigo
para a terra o tragavam.
E durante anos se amaram,
e infinitamente se adoraram.

E todos perguntavam:
— Tem pacto com o mal?
— Por que é protegido este tal?
Mas nada o importunava,
somente o companheiro
lhe importava.

Muitos anos se passaram,
e o elo permanecia inviolável.
o homem envelheceu
e a febre lhe prostrou,
sobre a cama tempos a fio ficou.
O mar mesmo imortal
de saudade chorou,
e um dia o chamou.
Ele ouviu e se alegrou.
Para o mar então caminhou,
e de lá nunca mais voltou.

E nas noites estreladas
pode-se ver de mãos dadas,
os dois que tanto se amavam,
brincar na noite iluminada.
A sorrirem eternamente
sob as bênçãos de Deus.
Duas criaturas infinitamente
entre si enamoradas.
De um amor enternecido,
em que ambos formaram par.
Mistério de um afeto infinito,
entre o homem e o mar.